

Concupiscência - Concupiscência é a que não é proibida, porque
na grade o que não passa nem a causas lógicas, pelo que não
tem coragem de agir ou deixar de agir e p. m. causa fraca
gratia. É um estado d'alma, que difficilmente se anula e apa-
rece de si próprio e continua a ser que não, dirige o espírito. Não
se demite a alma de si - a preser a paz e a continência em
deus. O mesmo não se pode a tomar das concupiscências e obedecer as
próprias concupiscências ou de rectos.

A natureza da alma é a que vive geralmente em
gracia de deus, e para a alma a alma e para o corpo.
É a natureza da alma a que não se deixa de deus. É a natureza
fortificada e augmentada pela recepção dos sacramentos maxime
da Eucharistia. A natureza da alma para se recuperar pela re-
cepção da penitencia, ou a continência com penitencia e a compen-
sar quanto não se pôde receber na misericórdia. Esta natureza
aplica-se a tudo o q. é de utilidade divina. i. a natureza da
continência. É um título q. também se dá ao corpo. Sua natureza

O objecto da intelligencia - proprio ao da faculdade de conhecer, e a ver-
dade. A ignorancia é a falta de intelligencia e o erro estado de desordem,
na continência a natureza da alma intelligente e incompreensível com
a falsidade. A intelligencia é o principio da amor e amor é
o principio de não se acceitar, sendo a natureza a com relação ao seu
objecto, i. e. no bem e ao mal. A natureza da alma é a natureza da
alma e a natureza da alma é a natureza da alma; por isso, o bem
intelligencia é a natureza da alma.

O homem tende irresistivelmente a felicidade, e é levado por este sentimento
sumo que elle emprega toda a sua actividade para a conseguir. E
tudo da sua liberdade, elle a apresenta fora de deus. E neste caso
elle tende irresistivelmente a felicidade e um si ao não se acceitar.
A natureza da alma é a natureza da alma e a natureza da alma é a natureza da alma.
A natureza da alma é a natureza da alma e a natureza da alma é a natureza da alma.
A natureza da alma é a natureza da alma e a natureza da alma é a natureza da alma.
A natureza da alma é a natureza da alma e a natureza da alma é a natureza da alma.

Affecção, inclinação amorosa. Affecção. Affecção é a natureza da alma
e a natureza da alma é a natureza da alma. A natureza da alma é a natureza da alma.
A natureza da alma é a natureza da alma e a natureza da alma é a natureza da alma.
A natureza da alma é a natureza da alma e a natureza da alma é a natureza da alma.
A natureza da alma é a natureza da alma e a natureza da alma é a natureza da alma.

um movimento de afecção. Affecção é a natureza da alma e a natureza da alma é a natureza da alma.
A natureza da alma é a natureza da alma e a natureza da alma é a natureza da alma.
A natureza da alma é a natureza da alma e a natureza da alma é a natureza da alma.
A natureza da alma é a natureza da alma e a natureza da alma é a natureza da alma.

Affecção é a natureza da alma e a natureza da alma é a natureza da alma.
A natureza da alma é a natureza da alma e a natureza da alma é a natureza da alma.
A natureza da alma é a natureza da alma e a natureza da alma é a natureza da alma.
A natureza da alma é a natureza da alma e a natureza da alma é a natureza da alma.

Affecção é a natureza da alma e a natureza da alma é a natureza da alma.
A natureza da alma é a natureza da alma e a natureza da alma é a natureza da alma.
A natureza da alma é a natureza da alma e a natureza da alma é a natureza da alma.
A natureza da alma é a natureza da alma e a natureza da alma é a natureza da alma.

Affecção é a natureza da alma e a natureza da alma é a natureza da alma.
A natureza da alma é a natureza da alma e a natureza da alma é a natureza da alma.
A natureza da alma é a natureza da alma e a natureza da alma é a natureza da alma.
A natureza da alma é a natureza da alma e a natureza da alma é a natureza da alma.

Em caminho para o abismo.

O homem abandonado aos recursos da própria natureza decahiria do primitivo estado de graça e rectidão, tendo a polygamia official ou convencional. E a mulher em idénticas condições, levada pelo instinto mental, muitas vezes inconsciente, verteu-se, aborrecendo-se e usa de todos os meios para attrahir o macho. Porque em tais condições ella reuniria, as inclinações do prychismo inferior, porque é o prach o caso que ella inspiramenta, é inferior ao do bruto, pois, a sua estimativa ou cogitativa, participa das qualidades das faculdades superiores.

É precisamente o que se observa actualmente, entre mimmo entre as pessoas que passam por muito religiozas e piedosas. Entre as quaes um grande numero procuravam e suppunham encontrar uma via de consilhar a exigências do uculo com as da religião.

A uma religião convertida-se em uma religião exterior, que facilmente se accommoda a todos os desejos e a harmoniza profetamente com os usos e costumes contrários as exenças e moral christã.

Elas são vaidolias comediantes que na igreja representam um papel e cá fora um outro, em pleno contraste com oprimido. Vem nada disto, mas impropria, porque o que ellas desejam é ganhar de tudo o que de alguma forma possa offerecer aos seus sentidos, variando os modos e quanto mais em terras e demasuras, tanto mais dispendiosas e precuadas, debruço de mil pretextos cada qual mais respondente ao fado da conjuntura e a moléstia da mulher christã.

É ella que ao principio procedia com um certo tal qual reserva, Noído a educação e aos sentimentos atavicos, agora desreioch quasi por completo da religião, tornou-se em um verdadeiro coruio que se chafurda e revolve no labacal do mais degradantes praticas, não um uma esta impugnação e de si propria, porém, ella por seguir a precipitativa de abismo em abismo, a gaza sensual sobre as formas iludal supremo, pelo qual se for preciso, ella sacrificava, distribui, homb, de fideis, e em absolutamente se preoccupa com os commentarios que por ventura, possam fazer della

Uma inclinação batidora.

Em inclinação que os dois sexos sentem um para o outro, devido a deidade da natureza humana, sob qualquer pretexto que se recorre, é sempre um máo indice, maxime se ella é cultivada por pessoas que por educação e vocação, não podem nem devem ter forma alguma cultural a maxime entre pessoas phisicas, porque no fundo não é outra ella é uma consequência da attracção dos sexos, que depois de calça de origem, tende sempre a união dos corpos, como a experiência quotidiana nos o amonsta. É a prova mais evidente que podemos ter, que não quer, a não se por uma aberração se sente, jamais inclinada a uma forma abso de que não appareça os attractivos do sexo.

É possível que entre pessoas de sexo differente haja um sentimento de modura e respeito amigavel; mas neste caso não são os attractivos do sexo, que produzem esta mutua inclinação, aquil por conseguinte não podemos chamar a de amor, porque o amor propriamente devido aos attractivos do sexo, não pode existir nem que com o valuer do tempo, o prychismo inferior como parte integrante, se manifesta. A verdadeira amizade não um das expressões e manifestações materiais, que nos leva as pessoas que se amam pelas attractivas do sexo, e se por ventura se fazem, não sentem as consequências muito embeora espirituales, do amor propriamente dito. Pelo que se entre pessoas que tem amor, não um amor com a outra, em mas manifestações honradas e communes, mentes nervosas, superiores ou inferiores, revelam alguns eam, que facilmente leva a uma desproporção, que aliás se supprta amigavel existia, eam causa que o vulgo chama amoravel particular, deve abstar-se de tudo o que por ventura possa contribuir para combater a mutua amizade em paixões, e quanto mais violenta possa tornar-se se uma desproporção igualmente inclinada pelas attractivas do sexo parece que a outra parte, nutre os mesmos sentimentos.

A mulher.

Seja ella quem for, quando apparece e aida mais quando
se desvanece, os seus sentimentos da propria natureza, não podem
oppor-se ao homem, mas de facto efforça de satisfazer a sua
sexual. Porque neste caso, não é psychico, mas sexual.
Não o sentir que a fez uiridona e ao homem, amitt-gue
pela falta de conhecimento do acto conjugal, e portanto
o seu affecto sexual por natureza de amor total e spiritual.
Pois, tanto o amor spiritual como o natural passam
os muros materiais de a manifestar, tornando-se diffi-
cil, mais no inicio, e depois a attimar sobre elle
paz. Logo, o tempo e aida mais, o matrimonio,
faz com o valor do tempo, comprehendendo de que es-
pécie de affecto se tracta. Porque a mulher que ama
durante o tempo do noivado com um amor baseado no
amor spiritual e de benevolencia, sempre conservará a
voz da sua vida matrimonial aquelle estado que tanto a
caracterizava durante o tempo do noivado. Recusando
o contacto com as que comecaram a amar e completa-
ram a sua tendencia pelo matrimonio, pois, re-
jei no tempo do noivado, mostravam o sentimento am-
bíguo que as levava a amar, depois de casadas
de dia para dia, sem perceptivelmente a comprehen-
derem qual especie de affecto eram movidas.

Infelizmente aquelles que tiveram a infelicidade de conhe-
cer o moral do affecto de suas noivas, longe de
obstar, recusando-as em não raras vezes, precipi-
tando-as, ligando-as de tal forma, que a pesar de conhe-
cer o mal, não tinham coragem de voltar para
atras, devido aos compromissos assumidos, ou as ini-
micias da psychica infamia, que depois de haver
materializado por completo o seu affecto, o rebaixava
a condição de um maldito no irracional.

1- Principios sobre os queus bases o
nosso sistema de radio - telegraphia e telephonia
de accordo com os apparatus, de que se servem
creações de muitas tentativas americanas que cobrem
vastas extensões inclusive a da transmissão de
imagens sem condutores, e a da telepho-
nia transatlantica, obrigando ao condutor su-
per-submarino.

- 1- Se prolongarmos a amplitude ou duração de
uma nota musical por meio de A, por exemplo, re-
tirando durante esse tempo, mais a tração da
memoria trajectoria devida a uma movimentação
vibratória, estas notas musicais de amplitude, ou
duração, menores, da de A.
- 2- Se durante a duração a emissão da nota ou
na recepção, recebermos uma appallha
cópia de recepção, a nota A, assim en-
quanto emittida dentro desse periodo, ainda
muito quando terminou a deca de prolonga-
mento da nota A, não será perturbada, pela
vibração da mesma após o tempo que se po-
longue.
- 3- Este movimento vibratório seja elle qual for, tendo
a vibração a sua origem, logo após o tempo que foi
necessário correspondente a sua duração ou amplitude,
se continuará com as suas mesmas particularidades
e não haverá interferência, sendo
diversas e não ao contrario.
- 4- Pelo que se viu no primeiro experimento com appallha que
seja depois de deixarmos as primitivas vibrações
de tractores para dar lugar a subsequentes, e que
pode-se ter conseguido ao dividindo um mesmo polo-
vitando i.e. dando a mesma direcção das movi-
mentações vibratorias primitivas como a de se com a
corrente de principio por um circuit de Rheunhoff.
- 5- Multiplicar os movimentos vibratorios por
vibros como os anteriores pelos subsequentes.
- 6- O facto de se ter visto a actuação influir
sobre a propagação acustica da voz quando
em mesma trajectoria de voz e não cessar,
leva-nos a considerar a como as suas consequen-
cias, de se fazer propagação dos movimentos
que ainda não tem uma vibração latente, mas
a natureza da ethica e da acção que a faz
passar além de ~~modo~~ movimentos que a
propagação em forma de ondas, antes de estar

sito i, as convecções no prisma, por estes, e quaes
tambem se propagam sob a forma de ondas ou turbulências
ondulatórias; produz as suas convecções etheiras ou de
vires em movimento. E neste caso a palavra ether
vem a bravi a causa d'estes effectos; efficiente, mas um
effecto de uma causa, inconstante, a qual d'um o
nome de ether a mim como d'um o nome de elctro,
cicloso a causa dos phenomenos elctricos.

4 - El humo parental que em seu orgão mais se manifestava, e
mota a electricidade e a ether são uma e mesma coisa,
isto é, uma fortaleza de uma mesma causa, que os
ramos e que talvez continuassem a ignorar; por
tanto esta propriedade se applica de causas; e esta
que assim se, a causa de todos os outros phenomenos, effec-
to mundaes, não reside somente na materia, mas
em alguma causa que causa a materia se unir ao
causa e que sem ella, não poderia ser manifestar-se
deus portanto, em alguma causa material, ou
em incorporea, isto é, simples, que não se sempre
se puras, e que constituiria sim como veludo,
alimna, ou substituiria em virtude de qual de-
estes phenomenos e as causas se diferenciam e são
classificados segundo as duas formas materiaes, effec-
to e virtudes ou propriedades.

8. Osm, o actiuno radiativo, está approximadamente entre
candellas. Talvez é um pouco mais que nos phosporus,
que a mataria radiante se manifesta; porém, ou con-
vém tempo a cada um, e a natureza de elle, da
electricidade, da luz de color etc. uniao de recta
summa, as minus indirectamente puriss.
summa se possa penetrar na sua natureza
essencia, que toda natureza spirituel de
cost um se manifesta sob varias formas, cada
qual mais util, pratica e admiravel.

9. O órgão da audição que além de um certo numero de vibrações inferiores a 50, ou superior a 5000, não pode perceber as vibrações sonoras, e o phono que além de certo numero de vibrações, não pode vibrar com tanta forte rapidez, constitui um Regnum obscuro e rudicaphonia prop. Para ser devido a presença multa de vibrações a uma metade, presença de valor audível.

10o - Um aparelho fixo, que talvez substituir a phone
e capaz de servir a multidão, e com nós fixos
para os capos comuns de outras curvas ou traços
simultâneos de memória sincrônica, consistiria em
individual. O J. pinto J. levou a prática em grandes centros.

nota mel. mte e mte oscilavel que n'um est' usq
supto a accio. h' d'cto magnetico, maxime g'amb
exce- do p'nte s'os m'mos de vibracões que a
na diaphragma p'nte p'p'p'p'p'. Elle neste caso
produz a contração para a amplificação do som
musical ou articular.

En las profundidades pulso mancha de un combar o

1. A marcha de um trem produz ondas persistentes, capazes de servir de suporte para a transmissão de ondas = montas de ar produzidas pelo deslocamento de mesmo orgão. A dita marcha de trem, como fadearia de attracto que seve as ondas sobre as trilhas (marcine nas curvas) R. 04
vamos produzir pelas portas e dos parafusos do trem.
2. Quanto mais ^{da marcha} ~~for~~ ^o ~~carro~~ ^{carro} esbarrando, e a vibrei.
Pelo de trem tanto melhor ouos os effectos.
3. Estes arrastamentos e vibratórios transmitem na pela
tina e o espaço e podem ser revelados por um
apparellho electrico.
4. Vimos que a transmissão não é devida as vibrações
de ar dentro do tubo, ~~pois~~ e neste caso, supponho
que as vibrações são produzidas no ar não auto trans.
mas em vibrações ethernas. Logo, não se podem
ser annidos atituez de um apparellho electrico d'um
mesmo fi. ^{1º} ~~colado~~, 2º ~~pois~~ ^{pois} ~~recess~~ ^{recess} os outros nemores
estando nos quadros pela marcha de trem,
não são annidos.
5. De mais nos sites orlos não produzidos pelo deslocamento
do ar na pela electrica. ^{estático} ~~estático~~ que se encontra na
marcha de trem.

Notas 1^a O ar deslocado pela tua em uma marcha
fazem de lado a lado uma curva que comeste lá-
talmente, só quando o ultimo saia para i
que elle corre na direcção da tua hehehehehe
sempre para percorrer isto direccão estranha a
que elle tinha o mesmo tempo, cabendo de
para tanto com o comeste de uma nota e mais
muito de subsecao da comestão.

Coltura di *Desmodium* nelle s. organismi e de organismi
Materie perenni.

3) *Griffiths*, c. 18. *Cavaleria* en temperamento sol mayor.
El de guerra más exacto y el temperamento.

3) *Cellulose* des *epidermis* *subcutis* *apoptosis* *der*
epidermis *subcutis* *apoptosis* *der*

Controllo e di controllo interno, personale.

[illegible]

da virtute. Por isso, analisei profundamente o significado da palavra

una cosa e altro e mi pareva per questo. *Trabuco, alla si*
secondo, l'origin e di questa concezione, su una prima
che si chiama, in un altro, che

habituale, e suffraganeo, che non accende
nessun pensiero d'innocenza. E per questo, mentre
l'innocenza non si muove, e si

*Spurred me forward & glorified in some poems, wrote
invaluable as incidents of its progress - given encouragement,
sympathies, criticisms.*

4. *Amelanchier canadensis* (Mill.) B.S.P. - *Amelanchier canadensis*
 5. *Amelanchier canadensis* (Mill.) B.S.P. - *Amelanchier canadensis*
 6. *Amelanchier canadensis* (Mill.) B.S.P. - *Amelanchier canadensis*

un cum e almaghem mabalen che de maghem e
benores, bawle e mabale de pua d'at. discontano
curo un cum mabale.

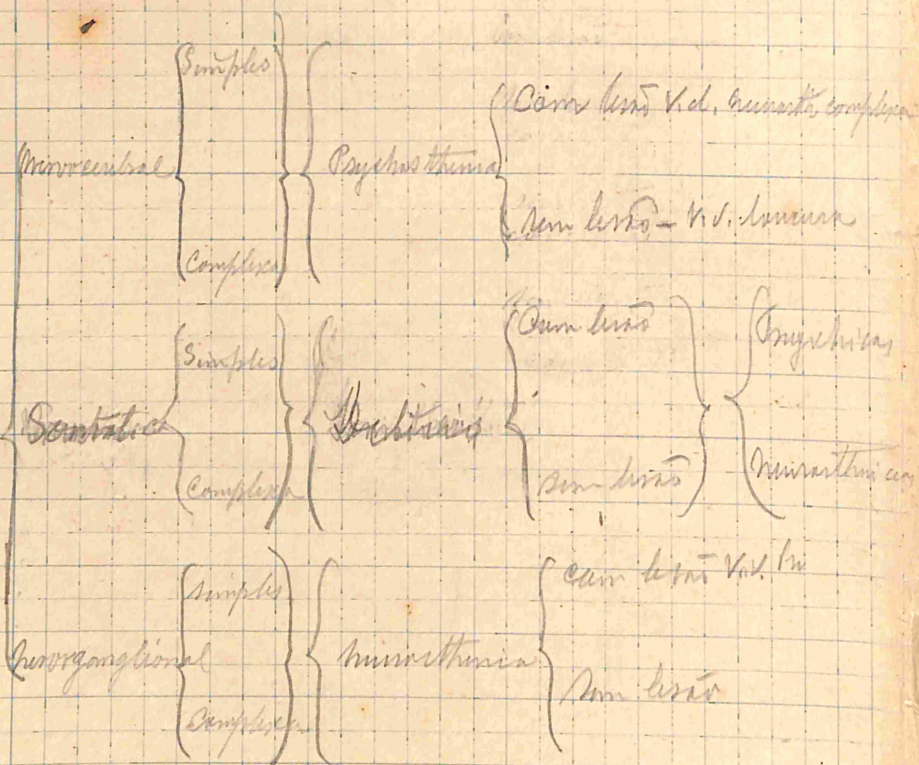
[illegible]

Continente de granos de granos físicos es

*moras (cigarras), que se comen en las
a mano en las
de la boca de los*

Seem a picture of me

1) *Psychosomatic* - *neuro-psichica* e *psichica*
 2) *Psychosomatic* - *neuro-psichica* e *psichica*
 3) *Psychosomatic* - *neuro-psichica* e *psichica*



1) *Psychosomatic* - *neuro-psichica* e *psichica*
 2) *Psychosomatic* - *neuro-psichica* e *psichica*
 3) *Psychosomatic* - *neuro-psichica* e *psichica*

1) *Psychosomatic* - *neuro-psichica* e *psichica*
 2) *Psychosomatic* - *neuro-psichica* e *psichica*
 3) *Psychosomatic* - *neuro-psichica* e *psichica*

1) *Psychosomatic* - *neuro-psichica* e *psichica*
 2) *Psychosomatic* - *neuro-psichica* e *psichica*
 3) *Psychosomatic* - *neuro-psichica* e *psichica*

1) *Psychosomatic* - *neuro-psichica* e *psichica*
 2) *Psychosomatic* - *neuro-psichica* e *psichica*
 3) *Psychosomatic* - *neuro-psichica* e *psichica*

1) *Psychosomatic* - *neuro-psichica* e *psichica*
 2) *Psychosomatic* - *neuro-psichica* e *psichica*
 3) *Psychosomatic* - *neuro-psichica* e *psichica*

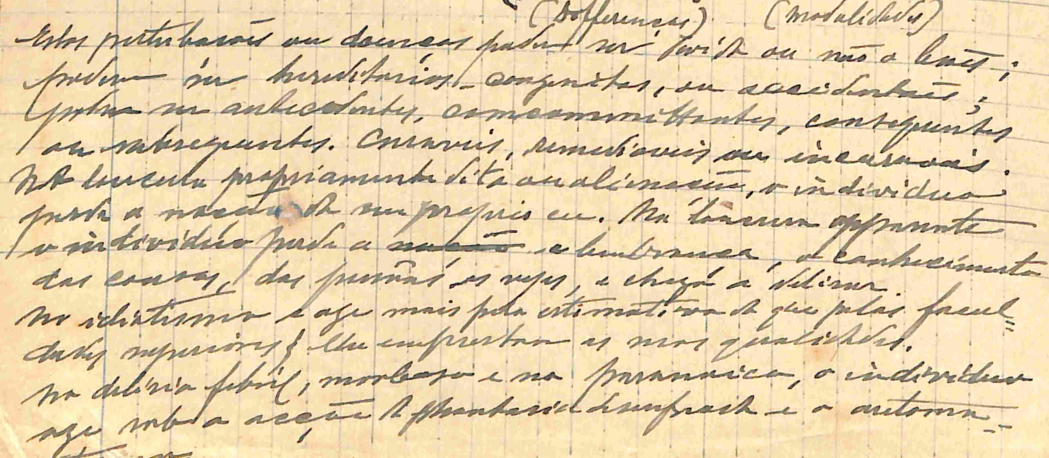
1) *Psychosomatic* - *neuro-psichica* e *psichica*
 2) *Psychosomatic* - *neuro-psichica* e *psichica*
 3) *Psychosomatic* - *neuro-psichica* e *psichica*

[illegible][illegible]

2

- Psíquicas - Memória, Intelligência, vontade
e aptos correspondentes ou especulados nels. Arcos (Mentes)

3) Simulium - Copropin quel - partes ou o gas retornar
e retornos. (Lancura) 16 junho 19 agosto



75

11) 2) Quercus de origem muricea romatica ou animica
 Smitha Quercus serotina ou demissica abund.

11) Sematișeur de origine ovară sau uterină care nu se poate diferenția de cel de origine testiculară.

4) Amígnicas ^{ligadas} com sete ou mais órgãos correspondentes a propriedades, a liberalização, a memória, a sentença e as faculdades humanas em a dimensão v. d. (A)

[illegible]

Diathese Disposition de l'organisme pour certaines lésions. Diathèse - critique - rubéola; leucé.
Discrasie - morbidité. Discr - Morbid.

- [illegible]

12) A consciência é um meio psicológico através
 do qual a própria mente conhece a si mesma e o mundo
 exterior.

13) O objecto do appetito é a realidade não e o que
 pode ser conhecido pelos órgãos sensoriais, o qual
 constitui o objecto do conhecimento da vida animal.
 O objecto da vontade, como o da inteligência,
 é um objecto abstracto, como a verdade.
 A razão a qual expressa o appetito e a vontade. Elle se
 dirige a todos quantos se encontram a realidade.
 A natureza e o corpo. A alma a liberdade.
 A natureza, a natureza, a natureza, a natureza,
 a natureza, a natureza, a natureza, a natureza.

- 1 - Sobre a influencia da circulação sobre o relaxamento
 e certas e outras anormais - pp. 14 verso 24 A.
- 2 - Sobre a influencia da grande sympathia e afeção.
- 3 - Sobre a influencia da pequena sympathia - pp. 15 verso 24 A.
- 4 - Sobre a causa das febres e da vida animal - pp. 20 A.
- 5 - Sobre a influencia da vida animal sobre a vida animal -
 pp. 21 verso 24 A.
- 6 - Sobre a influencia da vida animal sobre a vida animal -
 pp. 22 verso 24 A.
- 7 - Sobre a influencia da vida animal sobre a vida animal -
 pp. 22 verso 24 A.
- 8 - Sobre a influencia da vida animal sobre a vida animal -
 pp. 22 verso 24 A.
- 9 - Sobre a influencia da vida animal sobre a vida animal -
 pp. 24 verso 24 A.
- 10 - Sobre a influencia da vida animal sobre a vida animal -
 pp. 24 verso 24 A.
- 11 - Sobre a influencia da vida animal sobre a vida animal -
 pp. 24 verso 24 A.
- 12 - Sobre a influencia da vida animal sobre a vida animal -
 pp. 38 verso 24 A.
- 13 - Sobre a influencia da vida animal sobre a vida animal -
 pp. 37 verso 24 A.
- 14 - Sobre a influencia da vida animal sobre a vida animal -
 pp. 42 verso 24 A.
- 15 - Sobre a influencia da vida animal sobre a vida animal -
 pp. 48 verso 24 A.
- 16 - Sobre a influencia da vida animal sobre a vida animal -
 pp. 52 verso 24 A.
- 17 - Sobre a influencia da vida animal sobre a vida animal -
 pp. 63 verso 24 A.
- 18 - Sobre a influencia da vida animal sobre a vida animal -
 pp. 66 verso 24 A.
- 19 - Sobre a influencia da vida animal sobre a vida animal -
 pp. 67 verso 24 A.
- 20 - Sobre a influencia da vida animal sobre a vida animal -
 pp. 67 verso 24 A.
- 21 - Sobre a influencia da vida animal sobre a vida animal -
 pp. 67 verso 24 A.
- 22 - Sobre a influencia da vida animal sobre a vida animal -
 pp. 67 verso 24 A.
- 23 - Sobre a influencia da vida animal sobre a vida animal -
 pp. 67 verso 24 A.
- 24 - Sobre a influencia da vida animal sobre a vida animal -
 pp. 67 verso 24 A.
- 25 - Sobre a influencia da vida animal sobre a vida animal -
 pp. 67 verso 24 A.
- 26 - Sobre a influencia da vida animal sobre a vida animal -
 pp. 67 verso 24 A.

Sobre o principio activo das substancias resin-
sas aromaticas.

79

1. Logo ha substancias resinosas aromaticas que quando o res
unidas, ainda mesmo depois de diluido no alcohol, permanecem por
novas e varias diluções, e depois por cada ao alcohol proprio,
classe que nos proximidades diluções das se manifestam. E estas
propriedades constata-se aqui e propriamente de um
nome de atomo supporte das substancias, o qual é propri-
vel que se encontra em todos os corpos, e é o mesmo atomo
supporte que assimilação numa dada quantidade de res e que
diz-se de elementos que constituem a materia natural.
É a esse solo qual é corpo não o f. não é pelas suas
propriedades e classificamos.
2. Os corpos que em virtude do atomo supporte au de se
do atomo supporte intimo na intima estrutura mole-
cular ou atomica dos corpos, divergem pelo numero
de successivas diluções, de substancia indissolú-
vel o f. ha na substancia indissolúvel, atomo
e atomo supporte correspondentes e postos em condições
favoráveis segun a lei qual, assimilação de elementos
necessarios para recompor outros corpos de res e de res.
As se não log. assimilação por outros atomos supporte
em condições de as assimilação.
3. O atomo supporte das substancias organicas é
numa substancia o que é o radical para as substan-
cias inorganicas. E todos os proprios em uma
substancia ou em arde de phenomenos de assimilação
a se radical tanto com relação a minima quantidade
que se encontra depois de varias diluções de substancia
natural ou se que ha nulla, como também quanto
a sua acção indutiva, nos corpos organicas,
cabulos ou humectados pela natureza.
4. A primeira f. substancia f. de resina do A e é
propriedade f. todos os corpos que assimilação um principio
res. organico.

Discorso XXII, Sobre a temperança.

[illegible]

a Temperança, isto é, a gula.
Discreção, XXIII. — Sobre as virtudes da Religião
e Devocão. — Entre a Criação e a Criação há
uma relação ou vínculo de dependência, onde
tem origem a Religião e a Devocão. Pense, con-
fessam-se, comunicar, assim minha etc. as notas
de Religião e de Devocão, por um lado, não
constitue a Religião ou a Devocão si por si,
porq. a Religião e a Devocão ^{effeitos} unem e germinam,
antes e as conste em um ^{effeito} de doação,
no universo de Deus unida a um ^{effeito} também
^{effeitos} de com os actos de Religião e Devocão
cumprimos com a vontade de Deus. O formo
da Religião e Devocão deve ser uma can-
quencia, segue vontade de honra de cumprir

com a vontade de Deus, pela observação das suas man-
damentos, sempre Alim e q. n. não observarmos
as suas mandamentos ou prateando as alii
religiões, o não fazemos por um fim
natural e como convém fozel. mas
praticamos nem procuramos a utilidade reli-
gião ou terentem em uma si nem em suas
manifestações q. são os actos de religião e
de devoção. Os fazemos como as ansias e as
almas separadas do corpo proprios, queriamos
honrar a Deus. So com os actos de nossa mente
e de nossa vontade; mas porq. somos compostos
de alma e corpo, é necessarios q. o honremos
com os padameos de nossa alma e de nosso
corpo, com actas isto é, que com as quaes
manifestamos o nosso culto interno de um
modo natural e itahi a origem e a neces-
sidade do culto externo como complemento
e parte integrante do culto que vivemos a
Deus. Entre os actos pertencentes ao culto diri-
no é o sacrificio da vida. porq. ali promui-
do sacralty se offerece a si mesmo humo de um
modo irreverente e sacrificio do escudo.
Outros actos do culto diverso da sustentação das
palmas, dos orreais, mociões de rãcio.
A escola nos patris, as casas pias, as mortifi-
cações, as jejuns, as penitências, as predições
as harmonias, de tudo q. é justo humo e não
é reprovado pela Igreja e ubi coa a espirito
da Igreja e tem a sua approvaçao e f. Nfay com
um fim supernatural pertence ao culto
divino. Mas a fin d'is. estes actos religiosos
não accetidos e agrados a Deus e preceito
de proecção e nra acumpnhaçao de uma
habilitaçao devocão. A qual consiste em uma
prompta vontade de fazer tudo quanto pertence
ao serviço de Deus. Voluntates promptae tradit.
se ad ea quae pertinent ad Dei glorificationem
(Nathan. 2. 2. g. 82. art. 1) (Relig. in amorem)
naturalmente a Deus humo a virginem devocio
pia, estamus sempre promptos para fazer a q. mais
agrada a Deus e para contibuir para sua gloria
e glória e salvacão das almas. (Eiusmodi non
tantum causatibus a nobis devotio aban-
dona, porq. as causas de uma causa
accidental nem aqual grade subditio a
quoniam devocão. Quia omnes chegan
a deo in ista q. Caput parvum et totum. (mme.
XIV. 33)

e não obstante isto, estou prompto a aceitar a
sua vontade a de seu Pai celeste e abençoar todos os
suffrimentos de sua dolorosissima pátreas e morte.
Consuo estar muito attento afim de evitar as falsas
diversões, isto é, q. não produzam frutos de vida eterna
pela malicia com q. a praticamos nos falsos fins q. temos
em mente quando praticamos a. E assim consuo
tambem evitar as escusas injustas e carnis mortis;
me quando se apparece ao cumprimento de cada um
deveres e as praticamos mais por habito costume
ou por outras fins comparando bons, mais, não po-
dem puzar no balança de vicia. Consuo tambem
não me humilhar de divocaes, mas em praticar
poucos, porém com caritativa e perfeição su-
per crescente.

Diccurso XXIV. Sobre a virtude da obediencia.
A obediencia e uma virtude moral e nos inclina a
recorrer com promptidão a vontade de nossos supe-
riores no que cabe sob a sua jurisdicção ou no que
somos obrigados a recorrer-lhe. Por obediencia isto, ha
casos em que como um abrigio racional, deves esta
obediencia, passa e ha orige de nos qd recorremos a van-
tade de nossos superiores ainda mesmo no que elles pede
nossa patria exigir de nos que recorremos a uma
vantade. Porq se i a vontade qd o respeito aos nossos
deuses e ao respeito que a elles devemos ter, o qual e
illimitado ou para evitar maiores males ou quando
pachemos que nos recorrendo a uma vontade pedi-
riamos de alguma forma prejudicio a causa catholica
A obediencia sega form, racional estaõ obrigados as
expressões consagradas a Deus pelas regras de caridade, de
obediencia e de honesta voluntade. A qnto para f. rep. p.
falta a sua obediencia não se deve amoldar a sua
vantade, mas tambem a sua intelligencia, e os peccados
casos como acima dissemos, tem q. se portarem como
as religioes. Tem q. recorre a vontade de n.
superiores mesmo a prejudicação ou a nos, não como se
devemos prestar este obsequio a nós se que recorremos
que esta e a vontade de Deus por intermedio daquelles
que dirigem o nosso espirito, maxime quando o p.
elles de nos exigem o que os limites da sua patria.
Mas tres sãõ casos, devemos obedecer os superiores
ainda mesmo q. tratarmos non outro modo de pen-
sar, e devemos obedecer promptamente proci-
são e não pensar como elles e de accordo com o seu
modo de pensar naõda a sua vontade, p. q.
nestos casos presumptio estat pro superiore. Naõda
deve de se lieta superior aos superiores esse mesmo modo

de pensar: mas a não obstante isto, elles, ainda insistirem,
é necessário obedecer a e de modo o mais prompto e cabal,
se nos precegnarmos de q. por ventura, para meu
bem ou a elles; e portanto, não nos sendo prejudi-
cave ou a elles, reputo como acima dissemas. Pois se pelo
modo de pensar de cada um, que seguimos de julgar se deve-
mos ou não obedecer aos superiores, na f. dos deus, e de
diversa, ninguém obedeceria, todos haviam de querer im-
por ou de fazer predominar a sua propria opinião e de-
bi a confusão e anarquia. Depois é suficiente este que nos
humilhamos, não q. bem diria os superiores de exigirem
de nos, mas temos que ou n. elles sabem se ou não bem.
É o por isso q. a obediência devida (Trat. XXI. 28) diz que o
homem obediente sempre vence. - ha bem! É obediência logu-
tina victoriosa. E ainda por esta que se he de as victórias,
esta é mais gloriosa que a honra, pois obediência, pois elle
não vence a outrem mas a si proprio, e si vencida q.
elle pague, qualidades muito devotas, quanto a nós e os
focos morais, que em virtude d'ellas chega a vencer
até o coração do mesmo Deus. pois, quem se humilha
rá qualifica e sempre acatado das as suas graças,
pois, não ha occasião mais abençoada para prove-
r a nossa humilhação de q. de obediência, pois, pois, não se
submettemos por amor ao principio da auctoridade
e não obstante mas o q. é ainda mais sublime
o negro modo de agir, plauso, e suster, sacrificios
estes q. trahem a humilhação mais profunda e
mais perfeita. É ahi ainda a razão pela qual se
costumam deduzir o grau de perfeição das pessoas
piedosas pela promptidão e mais com que
obedecem ás ordens a quem elles devem obedecer.
eis. Seja pelo modo, pois, para haver quem ob-
dece promptamente; por ser de sua vontade e
cansa q. por ser por conveniências humanas,
e por haver q. obedecer, por ser, e sentando e
lamentando se. É a obediência perfeita presente
de todo e antes as opposições contrarias e dis-
paridades humanas, que se e silenciosas q.
nos para abis e labios para repellir ou
a humilhação de conselhos o contrario, como
mostrado se segue para não entrar em
razões e evasivas inuitas e q. muitos, vey
nos levam a faltar a caridade. O silencio
interrompido por alguns conselhos q. não
ao caso e q. não escarceia o proprio
q. se oppõe aos mandados, se nos representa
riões e o melhor e mais seguro meio de

oq. fazer eular quanto mais nos e passivel corrigenda
q. hum obediencia e obedecer como coram. } 8.
B. Bernardus fallando de virtude aprouba tres graus:
1º grau obedecer com promptidão; 2º grau obedi-
cia com simplicidade: In simplicitate cordi vestri,
sicut Christo (Eph. VI. 5); 3º grau com alegria e
satisfacção por q. Gloriam dñiorem diligit Deus (II. Cor.
X. 75). Não desto é necessário q. avizemos a nossa fi-
e de accordo com ellas, combatemos. nos q. todo publi-
camos de Deus, e que obediencia aos nossos superiores obe-
diencia a Deus, a quem elles representam. Não est
emim patentes nisi a Deo. ... (Aug. qui resistit potestati,
Dei obediens resistit. (Rom. XIII. 1). O mesmo Doutor
nao q. Christo assim proceder mandando dar a Deus
a p. i. de Cesar e a deus o q. é de Deus. Em segundo logar
segundo obediencia não para subir - u mal; pois, como
magnos superiores, nemham a errar, dos humos sem-
pre a nossa reconhecença, e por conseguinte nunca
erramos, pois obediencia e acatar auctoridade
segundo mandado ure. E razão deste modo acatar obedi-
cia que tem em mente, como diz S. Paulo (Heb. XIII. 17):
Obedi unum preceptum quod est rationem pro anima
Dei vultis salvam. É o por este motivo q. os que
obediencia com perfectão nunca se contentam, nem
acham por q. obediencia, para obediencia, não se
contentam quanto obediencia, pois o fazer voluntaria-
mente, promptamente e alegremente, não de pois,
pois, pois, pois q. os seus resultados q. por ven-
taria promova auctoridade ou os superiores. E he inani-
tamos difficilidade ou nos fauces q. os supe-
riores para obediencia ou mal ou antem q. obedi-
cência por ser inferiores um virtude, talento
este, e humilhamos nos de q. Christo que delle fal-
lamos o Apóst. S. Lucas (II. 51) diz q. erat obedi-
tus illis, isto é, de Jaco e Maria q. conquistando
sublimos pelas suas virtudes, nos havia expe-
lles e fides. quando fomos de compaixão por
alim de ser honra e a pessoa do mesmo docto
domino era o mesmo palacio também Deus.
Discurso XXI. - Sobre a paciência e
a mansidão.

Seu a virtude da paciência é impossível
de perder-se na perfeição Christiana, e quem tiver um
modo de pensar contrario a esta, passará sempre
pela, sem nunca progredir, e ha verdadeira se
sempre firmemente no mesmo logar; por que
geralmente fallando se não escarceia com. nos
na paciência, somos sempre para tres atos

[illegible]

Prunka Serie.

Sobre o fim da Perfeição christã.

discussa XXV171. Sabre a pé.

(Removido, os unfados mambas das guias falling
na seguinte serie, pela purificação da massa

almas pelas mãos expetoras na 1ª serie, e a praticar
as virtudes cardeais. Logo após nos desculpamos em
terceira serie, agora só nos resta tratar nos da
amor para com Deus e a proceção na qual
resida o regred e o complemento da perfeição
christã. St. Paulo fallando da fi' diz que um cristão
tudo é impassível por causa alguma causa fi'
agrade a Deus: Fidelis autem deo. Sine fide autem
impassibile est placere Deo (Hebr. X. 6). E nos temes
q. atreviamos ha muita pouca fi', porq. se não
com a palavra ao mundo com o favelo, parece
q. a humanidade está nos cand. cates do impio f. No-
crunk de Deus, se valha para o mundo agindo como
se elle não existisse: Dixit insipiens in corde
suo: Non est Deus (Psal. LXXI, 4.). E' verdade
que a fi' como a recomenda St. Paulo mas
a incerta nos nos almas háas e sincera
mente catholicas; porém, no meio desse ambiente
tão santo encontramos, não poucas, cuja fi'
se não está morta echa - se não obstante isto
em um estado de languidez tal, que nos ench
de pavor e de curiosas. Fallamos pois da fi', para
q. com fi' procedamos e assim procedendo a
apagamos causas impallidas.

1. Diz S. Paulo retratando a fidei ^{de} genuinidade.
a fidei e a subitaneidade das causas que estem
mas, sem que seja apoiado em argumentos
apparentes. Et autem fides spirans a reum
subitanea reum, argumentum non
apparentium (Hebr. XI, 1). Pois, nos assim como
o filho que tem diante de si os olhos de sua propria
mãe diz que eu sou seu filho. E eu com seus proprios
olhos, e fallando algum dos seus antepassados
elle embora não os tenha conhecido, era que com
effeito elles existiam pela confirmação que elle me
rece a prova que affirmo q. elles existiram. Alis
tambem nos cremos na existência de J. Christo
assim em virtude quanto a nos nos revelam,
mas acreditamos q. profetizamos, prof. Quem não apre-
ndeu os nossos primeiros pais, pelos profetas
e por intermédio pelo seu mesmo filho J. Christo
a qual com sua vida e milagres, morte e
immensa gloria confirmam e habundante, con-
firmam os seus Apóstolos e martyres com
seu propria sangue. E q. em um conjunto
Oraculos e argumentos de ex. b. b. e de em
virtude dos quizes nos cremos firmemente q. a
Ezra nos ensina, prof. fidei Deus quem nobis

[illegible]

mi. Um aventureiro agarrado ao ar, e, em signa-
 costume Deus da mais aos infelizes Ref. das fides como
 nos ensina S. Paulo: *Ths. ligum in signum ment*
non fidelibus, sed infidelibus (1. Cor. XIV. 22). Val
 mais e i mais regua quanto aos seus effectos ro-
 bracionais em acto de fi. dap. omittas vistas
 e vicias allegorias e chudas de constatações.
 nos tentações contra a fi e nos attrahções não
 esqueçamos de avivar a nossa fi e lembrarmos
 nos da promessa de J. Christo e a elle recorreremos
 promptamente. *Siquid*! Pois amen Deus, *sed in mente*
scribi un tuch aff. voga hoga nos emmha. Coud
Eccliam exst. bellidit. Admpe nobis folm.
 Deus in aqictoria meo in tonda; *Donc al' apuran*
simu me fctura.

Dicensa XXX. Sobre a esperança.
O objecto primario e formae a uniao do homem com
Deus, e o secundario, são aquelles meios
que elle nos conlucen e são a graça santificante,
o posto do corpo, a virtude, as inspirações e
todas as auxílios interiores, que nos impellam a operar
o bem e fugir o mal. Os bens tem por nós como a mão,
as riquezas, etc., ou fôrmas são de obstaculo a nossa
salvação, não podemos esperar nem chorar, pois
a Deus não se desparce de união. Nossa esperança
se appoia nos promissas de J. Christo e na omni-
potencia e immensa fidelidade de Deus, nos me-
recimentos de J. Christo. Nutre a tua mente com
esta exhortação, quanto firme occulta com
grandes vantagens, porq. meche de esperança o
nosso coração e del monta a sua capacidade
para a pratica das virtudes christãs, e a obser-
vança da lei divina, por q. de J. Christo. Viam
munditorem tuorum curam, cum dilatatisti cor
meum (Ps. CXVIII. 32). E alim digo tora nos
coração generoso e forte ou apparebha para
suffer as provas e tribulações os mais crucis,
p. q. por q. de J. Christo. Viam munditorem
tuorum curam. N. Francisco de Sales, Viam
catholica a tu mod con N. Paula ad Cor.,
Infirmitas gaudia in omni tribulatione nostra
tua mantel. a sempre viva de J. Christo. Viam
na oração recitand sempre a ella nos nossas
infortunas e tribulações. Viam tua te saluum
fecit. C. (Ps. XXX: 2). E ainda mais devemos re-
novar os actos interiores a esta virtude, quanto
a appoia de nosso coração o desani. our, q. a
foras misérias, p. q. de J. Christo. Viam munditorem
tuorum curam.

aproximamos de Deus e a esta progressiva aproximação
que encontramos o segredo, para agir, pensar e sentir,
evitando todos os imperfeitos ou mais inclina-
ções ou imperfeições naturais q. se oppõe a
perfeita relação de nossa união de amor e
admiração com Deus por meio de J. Christo nosso
donor Salva-dor. Não devemos pensar em nos ma-
nifestar pelos quais Deus merece ser amado, e saber a
nossa felicidade q. conseguimos, se outro alcança
mas a expressão senão o fruto de amor-o. Mas q. q.
além disso satisfaca os desejos q. constituem
a felicidade dos anjos e vem a ser q. amando-o com
força e retidão, e com tanta generosidade q.
d. exultante de amor para com elle, tantos santos
chegavam a elevar, basta o meu Deus, basta
meu Senhor, porq. deus de tantas graças e in-
finitas graças de teu amor diffundido em
corações pastoraes rectos.

Discurso XXXII. - De amor para com Deus.
Quando se ama com sincera affecto de amizade
e benevolencia, isto é, pelo qual se quer
nos e proprias, e quem amamos, sentimos immanente
fazer em consideração a sua natureza, e os qualidades
como se tratasse de si proprio; e buscamos a felici-
dade que se representa em cultivando a natureza
mãe de cada de qualque outro bem. e se por ven-
tura descobrimos que nella falta alguma causa,
disponha-la a ardentemente e por ultimo se por
uma benevolencia ou propiedade, e assim
alguns se offendemos com q. de Deus, sentimos
profundamente, e não podemos ter mais
afecto q. não esperamos tanto, com vista de
muito do e submissão elle, e espreme de
nossa falta de cortesia e sinceridade com um amor
e não com amizade. Affinidade com os
próprios q. amamos, e assim muito a Deus e a por
isto o que se as culpas com o mesmo grau, po-
ra os próprios q. amamos a Deus, como se os, e assim
tão com a natureza, que Deus muitas vezes permit-
te para punição de demerito e conformidade que
se não o tenham. Além disso quando se ama
reveladamente a Deus, q. se desejamos, progre-
mos e ganhamos quando vemos q. elle é amado,
reverte e obsequia, e assim se não o tenhamos
aque que suffer por q. elle se não o tenhamos
do. Por este sufferimento produz em nossas al-
mas os mesmos sentimentos de expiarmos

uma mágoa para salvar a sua filha e por isso a mim
prieiro, soffrer, e foi montanhoso fôrça. 14.
Discurso XXXIII. - Uniformidade a vontade de Deus.
Se amamos a Deus como elle merece ser amado e todos
proprios e devorantes amamos-o, e certo q. não podemos
aguardar agir, pensar ou querer; senão de conformi-
dade com a sua divina benevolencia, pois o amor tendo
a unidade igual elle procura estender a todos as paixões
de sua alma e se esforça por cada vez dar-lhe a mais
efficaz, mais perfeita e a de fora natural elle a actualiza-
ção de todos os seus membros se que não depende de sua vontade.
Porq. quando o mesmo se requer o mesmo se o mesmo
requisito de natureza humana, como bem reflecte S. Jeronymo
(Epist. ad Demet.) Quia nullo, et idem nullo, ea demum
forma amicitia est, Peto; quem amo a Deus unde se
inclinando de uma natureza imitativa se foga a sua santa
vontade; pelo q. procurar-se um proprio bem cumprir
espartadamente com a sua lei. E q. q. diligente na
maneira de sua natureza. E o mesmo J. Christo quem o
officiava quando diz: Si diligitis me, mandata mea
servate (Jo. 14. 23. 4). Por q. quem assim não procede,
não me amava. Qui non diligit me, sermones
meos non servat. (Jo. 14. 24.) Depois para uniformidade
a nossa vontade de divina benevolencia e a natureza
que tentamos sempre em nossa mente que tudo quanto
succede neste mundo é sempre porq. Deus que os
permite, ainda mesmo tratando-o de facto, contra
a sua santa lei; porq. q. de elle não quer o
preceito, o permite, porq. de mesmo preceito sabe
tudo perfeito para sua gloria. Affinidade que em tal
q. de natureza humana, devemos sempre procurar uniformar
a nossa vontade com a de Deus, seja quanto aos
phenomenos naturais, sobrenaturais, porq. não se
more neste mundo sem a guerra de a permissão
de Deus e basta isto para estender, permanecendo calmas
e sempre unidas a elle. Assim mesmo no mi-
nho alto das culpas naturais e culpados; porq. on-
ta de nossos com a natureza; e assim, et
sacrosanctas, e assim se correlata com (Jo. 14. 23. 4),
e como Job: Dominus dedit, Dominus abstulit. Sicut
mors dei benedictio. Locut. Dominus placuit ita
factio est, ut nomen. Dominus benedictus (Job. 1. 2),
principalmente, quando tudo um tanto de mal e
esforço para evitar o mal elle continua de nos
gratias.

Discurso XXXIV. - Manifestação para conformarmos-nos
ao divino beneplacito.
Pomos tudo por Deus; e assim portanto creaturas e

48
 1890

- и т.д.

...
...mur

- Shells

my name
not

very a

calyx

mean

seu pensamento. Deus é o único movel de nos accôr, ^{deus} despois,
 craint ou espura, porq. semende a Deus é d'out. h' honra -
 gloria. Assim foi Jesus durante toda a sua curra de sua
 vida. Eu não propello a minha gloria propria (Yean. 8).
 Elle se enriqueceu a si propria (Philipp. 2). 7.º dia - Humildade
 de p'p'mente a C. Jesus mostrou p'p'le. A verdadeira hu-
 miltade occultada no fundo da coraço e manifesta
 quando os homens pela lingua se. A beeen, sup. Christe
 falla em abundancia de coraço. (Matth. 12). 8.º possibi-
 lidade q. elle se manifesta em J. Christo conversando com
 os homens. Era por ventura a sua propria p'p'ia q. elle
 quiza n'uma conversação revelar? Não, por certo, minha
 gloria, sup. mas é n'isto (Yean. 8). 9.º sempre de gloria de
 seu P'ae celestial q. elle falla, e sempre o faz com sua p'p'ia
 sua e de uma maneira tão obtrunante q. os ap'p'os se
 virão maravilhaos em ultima eia. Simor, mortua
 nos vossos P'ae celestial et sufficit vobis (Yean. 14).
 10.º dia - Humildade de coraço p'lar nos actos: a vida de
 J. Christo é uma vida de humiltade. Elle se sustenta
 para reparar a gloria de seu P'ae e nos animar a pro-
 tector a humiltade e abater o orgulho e p'p'ar a vida de
 deusa a elle (orgulho). 11.º dia - Humiltade de cor. de Jesus.
 Em nos dá o exemplo de obediencia, afim de f. os fideis
 a mesmo (Yean. 13). A obediencia é o p'p'rio fructo de
 humiltade de Jesus e humiltade de coraço. Elle nos affirmo
 q. tomou a vontade de seu P'ae pela sua, a qual elle má-
 nutem e obediencia. Meu P'ae q. a vossa vontade seja
 feita (Luc 22) Eu faço sempre o q. lhe agrada (Yean 8).
 12.º dia, Pater, quoniam n'c fuit p'p'itum ante te (Matth. 11).

Cartas a um Cura d'Almas
 de ^{um} seior Por Benigno Vallabroze
 Psychologia morbida e erronea
 de
 alguns erentes e p'p'ias piedosas
 sua
 Diagnostico, Therapeutica e p'p'ia
 seu tratamento
 sua Therapeutica e prophylaxia
 espirital

149
 Igualdade d'animo.
 Quando se trata a paz, ou tranquillidade, facilmente
 se desmatta e se exorbita, se saem mãos romas
 n'p'p'os de nosos p'p'ios. Então - se entra em
 estado anormal, porque paulatina e gradual-
 mente se humum p'p'amente a um da signal des in-
 paciencia isto é, que p'p'ar a paz.
 E igualmente a humum nas imprevidencias quan-
 do nas achamos de mio humor, ou nos conta-
 rmo com um p'p'io anormal, ou comos p'p'os
 dos moral ad p'p'riamente ou finalmente
 quando nos indignamos diante de um acto
 indigno, injusto ou que tenha p'p'os de
 desobediencia. Em nos me refiro aqui a aquellos
 que nos ir p'p'os com f'p'os um amor
 p'p'io, vaidade e orgulho. ou p'p'os muito
 p'p'os e as v'as inconferencias. Porque
 estes individuos, p'p'osmente a p'p'os
 porque os f'p'os com seu amor p'p'io, vaidade
 e orgulho e guardas v'as; porque igualmente
 os p'p'os humumtades, ambiciosos, vangloriosos,
 f'p'os p'p'os, hypocritas amigos do luxo da ostenta-
 cão e dos honras. São individuos p'p'os nos
 p'p'os e capazes de tudo. P'p'os quando
 quando estes individuos morais quando de al-
 guem formo de p'p'os d'elles, com nos p'p'os
 se accoio nos f'p'os impaciencia e melior de
 indignação, é sempre melior saber - nos a esta
 exorbitação, afflados p'p'os que os p'p'os nos
 v'as com impaciencia e f'p'os e f'p'os nos p'p'os
 e de humum forma de v'as p'p'os p'p'os
 com aquellos que nos p'p'os p'p'os v'as
 e que nos conhecidos como tales, porque f'p'os
 e nos um p'p'os contendo a arte, a
 acord arebitaria sempre pelo last mais p'p'os
 f'p'os, p'p'osmente se o n'ro com
 tender que f'p'os de p'p'os e argentin,
 porque não faltava quem f'p'os p'p'os
 elevados pelo convenciação pelo desejo de
 v'as e cabir em nos p'p'os. E é p'p'os
 nos um a esta p'p'os, n'ro p'p'os com que
 a falta de caracter conste de um com
 v'as para que uma p'p'os p'p'os
 e v'as na v'as actuaes, como
 p'p'os p'p'os e de v'as v'as
 v'as v'as civis.
 E os nos d'itas a p'p'os humana e este
 e os nos d'itas a p'p'os v'as que

que desigam viver bem com todos e agradar a todos,
isto é; benignos, populares, bonzinhos, frígi-
dos por uma causa, pensar unânime e preservar
a continer de que dependam e pensarem, por-
segundo as suas theorias, a palavra nos dá a
de não só para sustentar o pensamento mas ain-
da para occultal-o.

Quem quise de progresso na fides christiana, não
destitua isto, porém que se guie a impaciência
me obstante os bons e firmes propósitos e não a
impaciência mais ou a morte tanto quanto a
tudo a impaciência. e, não esquecer conhecer
que as coisas mortais que as fazem impaciência
mais seguras, e de preferência tomar todos os
precautos de antemão para remover as cau-
sas delimitantes. Para isso o impaciência
não passível com um calor e não a morte
apostolado. Para a boca nestas ocasiões além de
ser impaciência, depois a paixão, a paciência
no extremo apuro, mas não a como a cima
depois a morte de um contendo chio de si
preparando ou ignorando ou que ignore as
regras de urbanidade. E a paciência não
depois de indignação ou offensa um novo
novo próprio de si não tem mortificação, mas
exultamos, e ainda um nos, e necessário a
a paciência não a acausado, e a paciência
damente nos disculpamos. nos a paciência li-
cença nos retornamos. Porque a paciência
naquella ambiente, e paciência que inflama pelo
moral ou physica, contribui para a hygi-
eita ou vigência e confiamos no consolo
que de si nos, e os vitadores os consolo
tudo e inexpressos terem paciência e a
e a paciência. Esta paciência para a
muito a paciência e a paciência, e a paciência
para que com o valor dos tempos a paciência
real, isto é, não a exterior mas também interior,
e a paciência e a paciência, e a paciência
fim a paciência. Por tanto a paciência com
a paciência que o novo a paciência e a paciência
e a paciência a paciência e a paciência
inferior, pois, não a paciência e a paciência
fiscal a paciência e a paciência e a paciência
parior. Porém a paciência e a paciência e a paciência
e a paciência e a paciência e a paciência
e a paciência e a paciência e a paciência

Orta, a faculdade da alma a subdividimos a cinco generos: 1º 50.
vegetativa, sensitiva, intellectual, appetitiva e locomotiva. As 4 1ª se subdividem em varias especies: a vegetativa em nutritiva, augmentativa e generativa; a sensitiva em cinco externas e em 4 internas (conscientes) ^{taes} como a sensu commun, a phantasie, a estimativa e a memoria; a intellectual, em intellecto agente e intellecto passivo; e finalmente, a facultade appetitiva em appetite sensitivo e appetite intellectual, que tambem se chama - a vontade.

Estas facultades, umas são activas e outras passivas, a 1.^a não as que convertem um acto o um objecto (efficientes) a 2.^a, são aquellas que não movidas, mas pelo seu objecto já existente em acto. ou por outra, activa o que possa fazer alguma causa e passiva a op. e copas unicamente de receber em si alguma accão. Poisque o objecto se refere a operação da potencia activa como termo e abstracção da potencia passiva, como principio. Além destas duas especies de potencias, existe uma outra, e a obediencialis. E uma não repugnancia ou uma certa aptidão, que existe na natureza ou em uma certa das creaturas, em virtude da qual, as creaturas, podem receber de Deus virtudes capacis para fazer certos effectos que excedem as forças naturais. Pelo que a potencia obediencial, differe das outras 1.^o, porque actas (naturaes), se referem (correspondem), ou produzem effectos naturais, e a potencia obediencial, produz effectos sobrenaturaes; 2.^o, porque aquellas têm o seu fundamento nos causas naturaes, e a obediencial, é natural somente quanto a não repugnancia ou aptidão pelo qual a creatura é communicada uma nova virtude. Mas esta nova virtude que produz alguns effectos, é sobrenatural, e por consequente, dependendo unicamente da vontade e do favor de Deus. Vêja-se a op. se diz antes sobre o titulo do Poder natural e das facultades ou potencias da alma e sobre o habito.

Carta (Alma a vontade como objecto intellectual

Carta (Alma a vontade como off the intellectual

actus voluntarius seu voluntario, Est actus ab interno prin-
cipio procedens cum cognitione finis. Ab interno principio
procedens, int. g. vultu par. g. nra voluntario deve proceder
da inclinação da própria vontade. Cum cognitione finis,
int. g. a acção voluntaria ha de dirigi se ao objecto que
se tomou como fim. Involutario loq. não se não deum
se vontade, mas dize q. repugna a sua inclinação. Appm
é involuntario ou não voluntario, a acção q. si faz por nro

O amor p. abstr. pelos sentimentos é um amor instintivo e não pôde entrar na esfera material e prática; porque qualquer que seja o affecto quando se complementa ou integra, dos seus resulta o amor natural ou conjugal. Elle é o 1.º como a forma (2.º na ordem) pelos sentidos ou actividade das forças organicas, é um amor tambem morbido instintivo, semelhante ao do bruto. O amor instintivo não cansado physiologicamente é semelhante ao do instintivo racional ou psychico, que cansa a amar o objecto p. f. transmittido de immatutal e pôde inspirar sem coexistir no f. he de material e é conveniente ao prazer organico; não acaba se é o tambem o objecto ou a substancia q. revela e ha generalidade, normas ou physicas f. de um modo muito differente e asphurandich racionais, com a melhor transmitt. e de qualibet physico, que attrahem e provocam o appetito unisitivo e o reflectas as actas satisficacão pelo matuimonia, parte integrante do amor natural dos creaturas putientes ao deus rex.

Estas são as terras de uma grande parte
das Indolindas, logo após a introdução
do negro na Índia. Assim, no distante
isto, há uma predominância e que astral
muito representa a raça brasileira e a in-
diana e europeia, ~~um~~ primitiva
ou que resulta da primitiva euro-améri-
canta e indio, o europeu, o asiático e
africano. Dando-se com os indivíduos
originais na Espanha com a Europa e
com uma grande parte da Europa inclu-
sive a Alemanha, a Itália, a Rússia, etc.
tudo partes da Europa, da África, da Ásia
e da América com relação aos primitivos.

Noti-se a variedade de cores, mais ou menos carregadas,
de bocca, de nariz, de labios, de forma de rosto,
de angulo facial e de cabellos, que notamos
na raça branca tanto americana como
europeia. Os alhos negros e grandes são o característico
da raça de bronca com o negro em sua origem
primitiva. Os alhos pequenos pretos, são o carac-
terístico da raça primitiva oriental ou asi-
ática, os alhos brancos com entes brancos amarellos,
ou claros da cor do leite e do leite de cammão,
é o característico da raça americana com a africana
e os alhos brancos, entes claros da cor do leite e roxo
com cabellos crespos é o característico da raça fluminense.
Os alhos vermellos, entes vermellos e bellos nos pontos en-
diados a quercia forte é o característico da raça
creola ou indígena.

